



VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS:
SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

04 A 06 DE JUNHO DE 2024
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

O NEOMEDIEVALISMO COMO UM RESSIGNIFICADOR NA APRENDIZAGEM SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MEDIEVAL A PARTIR DA OBRA *AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO*

Geovanna Carvalho dos Santos¹

Orientação: Profa. Dra. Daniela Moura Rocha de Souza

Resumo: O presente resumo expandido é uma reflexão lançada a partir das análises obtidas até o momento no trabalho de conclusão de curso, ainda em processo de desenvolvimento, a respeito da ressignificação promovida pela abordagem Neomedieval sobre o papel ocupado pela mulher no período Medieval, a partir da obra de fantasia estadunidense *As Crônicas de Gelo e Fogo*. Por meio dessa discussão, objetivo trazer as possíveis contribuições de tal abordagem como forma de promover maior aproximação e debate ao ensino-aprendizagem sobre como o gênero feminino é abordado no contexto medieval, tão marcado por reducionismos e estereótipos de longa data.

Palavras-chave: História e Literatura; Representação; Mulheres; Neomedievalismo; *As Crônicas de Gelo e Fogo*.

Abstract: The following expanded abstract is a reflection drawn from the analyses obtained thus far in the undergraduate thesis work, still in the process of development, regarding the redefinition promoted by the Neomedieval approach on the role occupied by women in the Medieval period, based on the American fantasy work "A Song of Ice and Fire." Through this discussion, the aim is to bring forth the possible contributions of such an approach as a means to foster greater engagement and debate in teaching and learning about how the female gender is addressed in the medieval context, which is so often characterized by long-standing reductionisms and stereotypes.

Keywords: History and Literature; Representation; Women; Neomedievalism; A Song of Ice and Fire.

1. Introdução

Sempre foram tênues as fronteiras que separam a História da Literatura, por mais que os elementos dessa separação nem sempre tenham se dado de forma

¹ Graduanda em Licenciatura em História (UNEB/Campus VI), geovannacsantos10@gmail.com

harmoniosa. Durante grande parte dos séculos XVIII e XIX, ao buscar maior legitimidade em um contexto de forte cientificidade e objetificação do discurso histórico em prol das grandes narrativas político-econômicas dos Estados em ascensão, os historiadores do contexto passaram a basear sua narrativa apenas na documentação escrita e oficial, delimitando ao máximo sua atuação como autores, em detrimento da produção do “ator” literário, pois na visão positivista a vida deveria ser orientada pela razão e austeridade científicas, não através da fabulação (Oliveira, 1996; White, 1992).

Tal visão só se modificaria após as mudanças de paradigma do séc. XX e a consequente abertura para novas fontes, temáticas de interesse e sujeitos históricos, proporcionada, em grande medida, pela influência dos *Annales* e da Nova História Cultural (Burke, 2012), que não apenas revisaram os estudos históricos, como demonstraram as similitudes entre ambas, sendo a História, assim como a Literatura, construída em uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa, possuindo começo, meio e fim, atrelados por uma problemática inicial (White, 1992).

Ao atentarmos então ao lugar da autoria como voz anunciadora da circularidade cultural em seu contexto (Foucault, 2001), à materialidade em que o texto está inscrito, bem como à influência do público consumidor de tal obra (Chartier, 2007), não haveria por que não tratar a Literatura como um recurso para a História, sendo esta última aquela que faz as perguntas e a primeira aquela que atua como fonte de respostas advindas da subjetividade humana, podendo ir além da aparência material. Por meio do uso do conceito da representação aqui utilizado, conseguimos alcançar os diversos significados, simbologias e práticas sociais atribuídos em um texto historicamente orientado, construídos por meio da presentificação (ou reinterpretção) de categorias já ausentes, no passado (Chartier, 1990).

2. (Neo)medievalismos: a mulher entre a fabulação e a História

Publicada desde a década de 1990 pelo escritor, roteirista e jornalista estadunidense, George R.R. Martin, as *Crônicas de Gelo e Fogo* são uma série de cinco livros (ainda sem conclusão) ambientada em um universo medievalesco que conta a história de guerras e cobiça das Grandes Casas nobres de Westeros pela sucessão do Trono de Ferro, em um reino em crise. Além de diversas adaptações, a obra possui grande incidência social e conta com uma forte presença das narrativas

femininas em seu enredo, sendo um importante destaque no gênero Fantástico, tão marcado pelo protagonismo masculino. Na representação feita sobre tais mulheres encontramos múltiplas formas de expressão de gênero e atuação, seja de forma direta (subvertendo a ordem dominante) ou indireta (utilizando-se de artifícios dessa mesma ordem). Essas vivências femininas são também repletas de situações e questionamentos contemporâneos, dado que estão em constante processo de enfrentamento e autoafirmação claros frente a uma realidade que nos é apresentada como extremamente patriarcal e misógina, não lhes poupando em violências por parte de seus homens (ou mesmo da convivência de outras mulheres).

Quando se trata da Literatura Fantástica, é sempre notável a forte presença da estética e temáticas comumente tidas como “medievais” para o público, um fato que em grande medida se deve ao imaginário, ainda presente, de um Medievo “bárbaro”, supersticioso e, de certa forma, mágico. Segundo Marques (2020) ao trazer as proposições de David Matthews a respeito, existem duas “Idades médias” comumente veiculadas: a grotesca, cunhada sob o olhar Renascentista/Illuminista de um contexto de atraso, violência e ignorância, responsável pela perda dos avanços das sociedades clássicas; e um Medievo romântico, advindo como uma reação idealista a crescente industrialização da Era Vitoriana, em resgate a um passado mais naturalista, ligado aos valores das relações humanas e não aos desmandos da fábrica e do relógio.

É a partir deste último contexto que surge o termo “Medievalismo²” resgatado um século mais tarde pelo professor Leslie Workman, fundador da revista *Studies in Medievalism* (1979), da Universidade de Londres, como uma forma de aglutinar os estudos acadêmicos interessados nas recepções e criações pós-medievais, tendo o Medievo histórico como referencial. O Neomedievalismo aqui abordado é mais recente, ligado a produções para mercantilização e consumo em massa, onde tais obras são produzidas não a partir do referencial histórico em si, mas a esse conjunto de elementos já estereotipados, como forma de recriar um passado imaginado e até mesmo irônico de forma presentista e facilmente assimilável com questões contemporâneas ao público. Segundo Coote (2010), por meio da criação desse “terceiro espaço” entre passado e presente, diversos discursos, inclusive políticos e filosóficos, podem ser forjados e/ou negociados em relativa segurança, pois tais

² Cunhado pelo escritor e simpatizante do movimento Pré-Rafaelita, John Ruskin, como forma de demonstrar a empolgação de sua época com o resgate da estética e valores medievais, a despeito do que vinha sendo produzido até então, a partir da cultura clássica greco-romana.

produções geralmente desfrutam da prerrogativa do descompromisso com nossa realidade cotidiana ou com o trabalho historiográfico sério, embora nenhum produto cultural seja sabidamente neutro.

Ecos desses estereótipos são percebidos ainda hoje, principalmente quando se trata da representação produzida sobre a diferenciação de gênero, categoria muito determinante na forma como nos relacionamos com o passado, sobretudo em comparação com a contemporaneidade, como descrito por Silva (2021) ao lembrar o famoso “direito da primeira noite” do senhor com suas servas ou os absurdos cintos de castidade para esposas – todos falsos ou forjados em séculos posteriores. Até mesmo em relação a fontes produzidas no período em si, Le Goff e Schmitt (2006), nos alertam que tanto a ideia de “mulher maldita”, descrita por alguns clérigos, quando a Dama louvada pelos cortesãos, seriam, ambas, abstrações da interpretação e dos anseios descritos na escrita masculina (muitas vezes distante) sobre o feminino de sua época, tornando sempre necessário o cuidado com suas produções e propósitos para que não as entendamos como verdades absolutas sobre todo um contexto.

Costa (2012, p. 17) destaca a dificuldade de enquadrar “a mulher” como uma categoria de identificação social única, dado, obviamente, sua diversidade e heterogeneidade, bem como aspectos ligados à diferença de temporalidade, cultura, localidade, organização e condição social. Levando em conta também a importância de escaparmos do discurso fácil e do imaginário anacrônico de que no passado remoto (sobretudo o medieval, tão permeado por estereótipos de longa data) estas foram apenas excluídas e vitimizadas em quaisquer cenários: “o historiador que deseja falar sobre as mulheres na Idade Média deve ultrapassar pressupostos sufragistas para escapar de esquemas simplistas” (Costa, 2012, p. 5).

O mesmo é apontado por Caviness (2009) ao destacar a importância do olhar feminista para a evolução dos estudos de gênero no período ao trazer novas respostas e perspectivas a velhas perguntas, apontando também como os estigmas associados ao período dificultaram, durante muito tempo, a entrada de temas medievais em revistas feministas, embora tais estudos há muito nos tenham revelado um contexto europeu bem diferente e diverso daquele que era comumente veiculado.

Por este motivo, se emprega aqui o conceito de Representação, dentro dos estudos sobre o Neomedievalismo, como uma forma de analisar a maneira como se dá a apropriação e a subversão dos papéis de gênero atribuídos aos sujeitos

femininos dentro de um pretense passado medieval em uma Literatura de fantasia como fonte para abordar práticas e atores que nos são contemporâneas dentro das relações e conflitos de gênero presentes na obra escolhida.

3. Considerações finais

Como exposto acima, tem-se na Literatura em questão e na presente abordagem uma interessante forma não apenas de aproximar um público maior a respeito dessa temática, mas também de rerepresentar o debate sobre a forma como nosso tempo ainda compreende e aborda a mulher enquanto sujeito histórico no contexto medieval, sobretudo durante o processo de ensino-aprendizagem. O fascínio pela Idade Média, demonstrado pelo Neomedievalismo tão presente em diversas produções culturais hoje, seja na literatura, cinema, feiras ou jogos, se mostra uma maneira inclusive lúdica de rerepresentar esse passado que espelha nosso presente, dando nova voz e lugar a narrativas femininas.

REFERÊNCIAS

Fonte:

MARTIN, G. R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo**. Trad. Jorge Candeias. São Paulo: LeYa, 2015.

Bibliografia:

BURKE, P. **O que é história cultural?**. Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

CAVINESS, M. H. « Féminisme, Gender Studies et études médiévales », *Diogène*, 2009/1 (n° 225), p. 33-54.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **Inscrição e apagamento: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)**. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

COOTE, L. A short essay about neomedievalism. IN: *Studies in Medievalism XIX: Defining Neomedievalism(s)*. Suffolk, V. 19, N. 1, p. 25-33, 2010.

COSTA, R. A imagem da mulher medieval em *O Sonho* (1399) e *Curial e Guelfa* (c. 1460). 2012.

FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos: Estética - literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 1-44.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Trad. Hilário Franco Júnior. Bauru, SP: Edusc, 2006.

OLIVEIRA JÚNIOR, J. L. de A. **História com ficção: a confecção narrativa da história e da literatura**. 1996.

SILVA, C. G. **Relações de gênero e telenovelas: um estudo de caso com abordagem de neomedievalismo**. *SIGNUM-Revista da ABREM*, v. 22, n. 1, p. 183-203, 2021.

WHITE, H. **Meta-história: a imaginação histórica do séc. XIX**. Trad. José Laurêncio de Melo. São Paulo: EDUSP, v. 4, 1992.